

Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form*¹

Isabel Miguel², Joaquim Pires Valentim³ & Felice Carugati⁴

O *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) é um questionário utilizado para avaliar os estilos parentais de pais e mães de crianças em idade escolar, cujas qualidades psicométricas estão bem estabelecidas internacionalmente. Com o objectivo de apresentar a versão portuguesa deste instrumento, o questionário foi aplicado a uma amostra de 344 pais e mães com filhos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico. A sua estrutura, evidenciada graças ao recurso à técnica de modelação de equações estruturais (análise factorial confirmatória), revelou-se semelhante à original: multidimensional e hierárquica, formada por factores de primeira e segunda ordem, que diferenciam os estilos parentais democrático, autoritário e permissivo, bem como as respectivas dimensões. Em termos gerais, os resultados finais revelam um bom ajustamento do modelo teórico aos dados. A consistência interna apresenta, igualmente, valores próximos da versão original, podendo ser considerada satisfatória.

PALAVRAS-CHAVE: autoridade parental; estilos e dimensões parentais; análise factorial confirmatória.

Introdução

A discussão das questões relativas à educação das crianças no contexto familiar tem, provavelmente, uma história tão longa quanto a própria história da família.

1 A autorização para a tradução e adaptação portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* foi gentilmente cedida pelo Prof. Doutor Clyde Robinson. A ele agradecemos toda a disponibilidade demonstrada, bem como os seus prestáveis esclarecimentos para o desenvolvimento do nosso trabalho. Agradecemos também à mestre Ana Figueiredo o apoio e os conselhos que amavelmente nos concedeu na utilização do programa informático e na realização das análises factoriais confirmatórias.

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/28432/2006). E-mail: isabelmiguel@fpce.uc.pt.

3 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

4 Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Bolonha. Apoio do Ministério da Instrução, da Universidade e da Investigação do governo italiano (prot. 2007NW4NR9).

Todavia, e embora com raízes antigas (Ariès, 1962; Richards, 1926; Sears, Maccoby & Levin, 1957), o tema das práticas e estilos parentais tem vindo a despertar o interesse crescente por parte de vários investigadores, sobretudo ao longo das últimas décadas. Reconhecido que é o papel dos pais enquanto primeiros e principais agentes de socialização da criança (Grusec, 2002; Kuczynski & Grusec, 1997), o estudo do tema tem adquirido uma relevância fundamental e emergido como foco privilegiado de investigação, tanto pelas suas implicações teóricas como empíricas.

Procurando alcançar um entendimento mais profundo sobre a função parental na socialização das crianças, grande parte da investigação neste domínio tem-se centrado na identificação das características dos pais e nas consequências das suas opções educativas para o desenvolvimento das crianças. Esta orientação deu lugar, sobretudo, a classificações ou tipologias de pais, definidas por dimensões de natureza comportamental.

O trabalho de Diana Baumrind (1966, 1971) de classificação dos estilos parentais constitui uma referência fundamental e uma influência marcante para a investigação neste domínio. Num dos seus primeiros estudos (Baumrind, 1967), a interacção que os pais estabeleciam com os seus filhos foi avaliada segundo quatro dimensões de comportamento parental: *controlo parental* (orientação da actividade da criança para objectivos, mudança de determinada expressão comportamental e internalização de padrões parentais), *exigências de maturidade* (pressões exercidas sobre a criança para que esta tivesse um desempenho de acordo com as suas aptidões intelectuais, sociais e emocionais), *clareza de comunicação* (uso da explicação para obter obediência e receptividade às opiniões e sentimentos da criança) e *afecto* (expressão de afecto e envolvimento com a criança). Numa clara filiação (Maccoby, 1992) nos trabalhos pioneiros de Kurt Lewin e colaboradores sobre atmosfera de grupo e estilos de liderança (Lewin & Lippit, 1938; Lewin, Lippit & White, 1939; Lippitt & White, 1943), a investigação de Baumrind (1967) conduziu, através da avaliação das diversas dimensões consideradas, ao desenvolvimento de uma abordagem tipológica e à identificação de três estilos educativos parentais: autoritário (*authoritarian*), democrático (*authoritative*) e permissivo (*permissive*). O *estilo autoritário* caracteriza-se pela manifestação de poder e por reduzidos níveis de apoio, envolvimento e comunicação bidireccional. Deste modo, os pais que adoptam este estilo parental tentam moldar, controlar e avaliar os comportamentos das crianças de acordo com um padrão definido de conduta. Acima de tudo, este tipo de pais valoriza a obediência, o respeito da autoridade e a manutenção da ordem estabelecida. Quando os comportamentos ou crenças das crianças entram em conflito com os padrões comportamentais que os pais consideram aceitáveis, as punições e as medidas coercivas são frequentemente utilizadas como formas de exercer controlo. Os pais com *estilo democrático* também estabelecem

padrões firmes de controlo dos comportamentos dos seus filhos e demonstram elevados níveis de exigência. No entanto, estão dispostos a adoptar uma postura de escuta activa dos pontos de vista dos seus filhos e a adaptar os seus próprios comportamentos. Os pais democráticos conjugam, assim, elevados níveis de controlo com envolvimento, cuidado, democracia e comunicação aberta entre pais e filhos. Neste estilo parental, é frequente solicitar as opiniões das crianças, bem como facultar-lhes as explicações e os motivos das punições aplicadas. Em suma, o estilo democrático corresponde a uma constelação de comportamentos parentais que envolve flexibilidade e resposta às necessidades da criança, ao mesmo tempo que estabelece restrições e padrões comportamentais apropriados. Por sua vez, o *estilo permissivo* caracteriza-se por um comportamento não punitivo e de aceitação perante os impulsos, vontades e acções da criança. Pais com este estilo fazem poucas exigências, tendem a distanciar-se da imagem de um agente activo responsável por moldar ou alterar o comportamento da criança, permitem que a criança auto-regule as suas próprias actividades, evitam exercer controlo e não incentivam a obediência a padrões comportamentais estabelecidos. O estilo permissivo corresponde, pois, a um conjunto de comportamentos de afecto e de resposta às necessidades da criança sem que, no entanto, sejam estabelecidas restrições comportamentais.

Num estudo posterior, Baumrind (1971) identificou um quarto estilo parental, denominado de rejeitante-negligente, caracterizado por baixos níveis das dimensões avaliadas⁵. Partindo deste trabalho, Maccoby e Martin (1983) reorganizaram a classificação proposta por Baumrind (1971), definindo os estilos parentais em função de duas dimensões fundamentais de práticas educativas: a exigência (*demandingness*) e o apoio (*responsiveness*). A *exigência* refere-se à disponibilidade dos pais para agirem como agentes socializadores dos seus filhos, supervisionando e monitorizando o comportamento, estabelecendo expectativas de desempenho e exercendo disciplina de modo consistente. As características de *apoio* incluem as atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam promover o desenvolvimento da auto-afirmação das crianças, principalmente através do apoio emocional, da comunicação recíproca e do estímulo à autonomia. Estas dimensões têm sido empiricamente identificadas na estrutura factorial de instrumentos de avaliação de estilos parentais (e.g., Canavarro & Pereira, 2007).

Em termos conceptuais, os estilos parentais podem ser definidos como um conjunto de atitudes e práticas relacionadas com as questões de poder, hierarquia, apoio emocional e estímulo à autonomia que os pais têm para com os seus filhos

⁵ Todavia, dado que o instrumento que aqui é objecto de adaptação para a versão portuguesa (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) se centra nos três estilos inicialmente desenvolvidos por Baumrind (1967), deixamos de lado a apresentação pormenorizada deste quarto estilo.

e que reflectem, em grande parte, os valores que os pais consideram importantes e que tentam transmitir aos filhos através das suas práticas educativas. Os estilos parentais designam, assim, uma constelação de comportamentos padrão e práticas típicas dos pais, que criam um clima de interacção – transversal a diversos contextos e situações – no qual se desenvolvem as relações entre pais e filhos (Darling & Steinberg, 1993; Mize & Pettit, 1997). Embora claramente relacionados, a literatura sobre o tema tem frequentemente proposto a distinção entre estilos e práticas parentais. Assim, enquanto que os primeiros se referem a características globais do relacionamento entre pais e filhos, as práticas educativas traduzem estratégias e comportamentos definidos por conteúdos e objectivos particulares, específicos de um determinado contexto ou situação (Darling & Steinberg, 1993). Os estilos parentais são, pois, entendidos como variáveis de carácter mais abrangente, relativamente constantes ao longo do tempo e das situações (Holden & Miller, 1999; Smetana, 1994), no qual as práticas mais específicas ganham expressão, de acordo com os valores e objectivos dos pais.

Considerando as possíveis implicações dos estilos e práticas parentais, são muitos os estudos que têm procurado dar conta do impacte das variáveis familiares no desenvolvimento das crianças. Embora os resultados nem sempre se mostrem consistentes (Grusec & Goodnow, 1994; Maccoby & Martin, 1983) e as especificidades culturais tenham vindo a ser discutidas como variáveis determinantes na eficácia relativa de determinados estilos parentais (Grusec, Rudy & Martini, 1997), a investigação tem mostrado, de uma forma geral, que os estilos parentais estão relacionados com diversos aspectos do desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, sendo o estilo democrático apontado como o mais vantajoso e aquele que melhor promove um desenvolvimento equilibrado (Baumrind, 1971; Clémence, 2007; Clémence et al., 2005; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Milevsky, Schlechter, Netter & Keehn, 2007; Steinberg, 2001; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994).

Nos seus trabalhos, Baumrind (1966, 1967, 1971, 1991) recorreu a diversas metodologias para identificação dos estilos parentais, entre as quais se incluem entrevistas e observação de comportamentos. Todavia, esta abordagem apresenta vários problemas, sobretudo se considerada a morosidade do processo, os elevados custos da formação para os colaboradores responsáveis pela recolha dos dados e o reduzido número de participantes que pode ser incluído em cada investigação. O interesse pelo estudo dos estilos parentais requer, portanto, o desenvolvimento e utilização de métodos formais e standardizados que, pela operacionalização de variáveis teóricas, avaliem as características e os efeitos das variáveis familiares (Carlson, 2001).

Uma forma comum de avaliar a tipologia parental proposta por Baumrind tem sido a de obter os relatos de adolescentes relativamente aos estilos dos seus pais (Barber, Olsen & Shagle, 1994; Buri, 1991; Lamborn et al., 1991; Schaefer, 1965). Esta medida indirecta de avaliação dos estilos parentais permite, com efeito, contornar algumas desvantagens da abordagem inicialmente utilizada por Baumrind. Contudo, na medida em que é especificamente concebido para adolescentes, este método revela-se claramente inapropriado para crianças mais novas, muitas vezes ainda incapazes de avaliar com precisão as práticas parentais dos seus pais. Para o efeito, foram desenvolvidos alguns instrumentos específicos para pais de crianças mais novas (Block, 1965; Kochanska, Kuczynski & Radke-Yarrow, 1989; Trickett & Susman, 1988). Não obstante, estas medidas apresentam sérias limitações como, nomeadamente, um elevado número de itens, incluem itens pouco consistentes com a literatura actual, basearem-se mais em orientações teóricas do que em derivações empíricas e falharem em identificar o conjunto de condutas e práticas específicas que formam os estilos parentais (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995).

De forma a ultrapassar estas limitações, Robinson e colaboradores desenvolveram o *Parenting Practices Questionnaire* (PPQ; Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995). Na construção do questionário, foram dois os principais objectivos que os motivaram: por um lado, construir uma medida de avaliação dos estilos parentais consistente com a conceptualização de Baumrind e destinada a pais de crianças em idade escolar e, por outro, identificar as práticas parentais específicas que ocorrem no contexto dessas mesmas tipologias (Darling & Steinberg, 1993). Para a construção da versão original do PPQ, os autores partiram das respostas dadas por uma amostra de 1251 pais de crianças/pré-adolescentes (534 pais e 717 mães). Os estudos factoriais e psicométricos permitiram a retenção de 62 itens e a identificação da estrutura interna do instrumento. Para cada uma das três dimensões gerais reveladas pela análise factorial – autoritário, democrático e permissivo – foram, ainda, identificadas subescalas específicas. As análises de consistência interna revelaram boas qualidades psicométricas do instrumento, com índices de *alpha* de Cronbach de .91, .86 e .75 para as escalas democrática, autoritária e permissiva, respectivamente. Estudos posteriores permitiram chegar a uma versão reduzida deste instrumento, constituída por 32 itens que, da mesma forma que a versão original, avalia os três estilos parentais: o *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (PSDQ; Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001).

Numa revisão de instrumentos de avaliação das práticas parentais (Locke & Prinz, 2002), o PSDQ foi elogiado como um dos poucos instrumentos disponíveis cujas escalas de práticas parentais de cuidado e disciplina têm boas qualidades psicométricas. Talvez seja esse o motivo por que este instrumento tem sido tão frequentemente utilizado na literatura e adaptado para utilização efectiva em

diversos contextos culturais, incluindo a Rússia (Hart, Nelson, Robinson, Olson & McNeilly-Choque, 1998), a China (Wu, et al., 2002) e comunidades afro-americanas do programa *Head Start* (Coolahan, McWayne, Fantuzzo & Grim, 2002).

Neste trabalho, apresentamos a versão portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001), por nós designada de Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP) – Versão Reduzida, procurando confirmar as propriedades psicométricas e a consistência deste instrumento no contexto português.

Metodologia

Caracterização da amostra

A amostra deste estudo é composta por 344 pais e mães, dos quais 227 pertencem ao sexo feminino (66%) e 117 ao sexo masculino (34%). Em termos de amostra total, as idades dos participantes oscilam entre 24 e 69 anos, sendo a média de 38.6 ($DP = 5.1$). Considerados separadamente, a idade média dos pais é de 40.4 ($DP = 5.8$; idades entre 25 e 69) e a das mães é de 37.7 ($DP = 4.5$; idade mínima de 24 e máxima de 48).

Relativamente às habilitações literárias, 89 participantes (26%) completaram o 12º ano, possuindo os restantes qualificação ao nível do ensino superior (dos quais 7% possui bacharelato, 59% licenciatura e 8% mestrado).

Todos os participantes exercem um papel parental. Em termos médios, os resultados indicam 1.94 filhos por participante sendo que, pelo menos, um(a) dos(as) filhos(as) frequenta o 1º Ciclo do Ensino Básico.

Instrumento

A versão portuguesa do *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida* manteve a mesma estrutura da versão reduzida do PSDQ original (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001). Para cada um dos 32 itens, os sujeitos indicam o grau de frequência com que efectuam os comportamentos apresentados utilizando, para o efeito, uma escala Likert de 5 pontos (1 = *Nunca*; 5 = *Sempre*). O estilo democrático inclui subescalas de Apoio e Afecto (5 itens; e.g., “elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem”), Regulação (5 itens; e.g., “saliento as razões das regras que estabeleço”) e Cedência de Autonomia/ Participação Democrática (5 itens; e.g., “incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo”). O padrão

autoritário inclui dimensões de Coerção Física (4 itens; e.g., “dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal”), Hostilidade Verbal (4 itens; e.g., “grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal”) e Punição (4 itens; e.g., “castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma(s) explicações”). O estilo permissivo é constituído por uma única dimensão: Indulgência (5 itens; e.g., “são mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo”).

O processo de adaptação da versão reduzida do PSDQ iniciou-se com a tradução do original inglês, de acordo com o método *translate – translate back* (Hill & Hill, 2000), cujo objectivo era conseguir uma tradução que correspondesse o mais possível ao texto original e que, ao mesmo tempo, respeitasse a sintaxe, gramática e especificidades da língua portuguesa. Em termos gerais, este processo compreendeu três etapas principais. Assim, num primeiro momento, o questionário foi traduzido para português. Foram preocupações fundamentais desta etapa procurar, por um lado, preservar o sentido original dos itens e, por outro, assegurar a obtenção de itens claros e de fácil compreensão (Moreira, 2004). Num segundo momento, foi realizada a retroversão do questionário por um investigador independente com conhecimentos profundos da língua inglesa. Por último, foram comparadas as duas versões resultantes das etapas anteriores, discutidas as discrepâncias encontradas e feitos os ajustes necessários ao refinamento da tradução. Pelo facto de não haver incompatibilidade entre a tradução e a retroversão, permaneceram todos os itens do questionário original, dando origem à versão portuguesa provisória do PSDQ.

Com o objectivo de proceder à adaptação das instruções e continuar o refinamento da tradução, procedeu-se ao estudo-piloto através da aplicação do questionário a um pequeno grupo de sete pais e mães que tinham, pelo menos, um(a) filho(a) a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico. Imediatamente após o preenchimento do questionário, os participantes foram convidados a falar sobre a acessibilidade dos itens e os problemas encontrados. Dada a não identificação de dificuldades de interpretação ou de preenchimento das questões, esta versão portuguesa foi considerada adequada⁶.

Procedimento

Nos procedimentos para recolha de dados, as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico foram consideradas meios privilegiados para acesso à amostra pretendida. Deste modo, após contacto oral e escrito com as direcções das escolas, explicando

⁶ As instruções e itens da versão portuguesa do *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida* encontram-se no Anexo 1.

globalmente o objectivo do estudo, os questionários foram entregues aos professores (em envelope fechado) para posterior envio aos pais através dos alunos. A devolução dos questionários seguiu o percurso inverso. Na folha de rosto do questionário, os participantes eram informados do objectivo geral do estudo, da confidencialidade das respostas e do carácter anónimo da sua participação. Uma vez que a aplicação dos questionários se efectuou de forma individual, no questionário constava, ainda, o endereço electrónico do investigador para qualquer necessidade de esclarecimento. A recolha dos dados decorreu entre os meses de Novembro de 2008 e Março de 2009.

Análise dos dados

De forma a avaliar a adequação da estrutura factorial da versão original do PSDQ para a versão portuguesa, foram realizadas Análises Factoriais Confirmatórias (AFC) com recurso ao programa informático *EQS 6.1 for Windows*. No que respeita ao estudo da consistência interna das dimensões, foi ainda utilizado o *SPSS 17.0 for Windows*.

O estudo do ajustamento global dos modelos aos dados empíricos, no âmbito da análise de equações estruturais (*SEM – Structural Equation Modeling*), da qual a análise factorial confirmatória faz parte, deve ser feito com base na análise de diversos indicadores (Boomsma, 2000; Byrne, 2006; Hu & Bentler, 1995, 1999; Kline, 1998). Assim, neste estudo foram calculados vários índices de ajustamento global do modelo, que permitiram testar em que medida o modelo hipotético da estrutura original do QEDP se adequa aos presentes dados empíricos e, portanto, concluir quanto à sua dimensionalidade e estrutura.

Começamos por avaliar a adequação do modelo (*goodness of fit*) através do χ^2 que, avaliando a discrepância entre o modelo analisado e a matriz de covariância dos dados, traduz um medida geral de ajustamento do modelo. Um modelo com ajustamento aceitável tende a produzir um χ^2 não significativo. Contudo, esta estatística é largamente inflacionada pelo tamanho da amostra (Byrne, 2006; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Müller, 2003; Ullman, 2001), pelo que, em casos com amostras elevadas, pode levar à rejeição inapropriada de modelos plausíveis. De forma a corrigir a sensibilidade do χ^2 à dimensão da amostra, investigações recentes têm proposto o rácio entre o valor do χ^2 e o respectivo número de graus de liberdade (*gl*) como uma medida mais adequada do nível de ajustamento do modelo. O valor de referência para o rácio χ^2/gl está, no entanto, ainda longe de consenso. Ullman (2001), por exemplo, sugere que um valor igual ou inferior a 2 é indicativo de um bom ajustamento. Já Kline (1998) sugere que um valor igual ou

inferior a 3 é aceitável, contando que o tamanho da amostra é elevado ($N > 200$). Outros autores (Schumacker & Lomax, 2004) chegam mesmo a considerar que valores inferiores a 5 traduzem um bom ajustamento do modelo.

Dados os problemas inerentes ao valor de χ^2 , têm sido propostos vários outros indicadores do nível de ajustamento dos modelos, dependentes de um *cut-off point* convencional. As dezenas de índices de ajustamento que têm vindo a ser desenvolvidos e que se encontram na literatura atestam, com efeito, a grande vivacidade desta área de investigação (Kline, 1998; Ullman, 2001). O *Comparative Fit Index* (CFI), desenvolvido por Bentler (1990), é o critério actualmente mais utilizado. Trata-se de um índice de ajustamento – cujos valores estão compreendidos entre 0 e 1 – que compara o modelo estimado com um modelo nulo e independente, no qual não existe relação entre as variáveis. Se o modelo especificado não se revelar significativamente melhor do que o modelo independente, o índice de ajustamento será próximo de zero. Inversamente, um modelo com um bom ajustamento tende a revelar um índice próximo de 1. Embora valores acima de .90 tenham sido inicialmente considerados como traduzindo uma boa qualidade do ajustamento (Bentler, 1992; Kline, 1998), numa revisão mais recente (Hu & Bentler, 1999) foi recomendado o valor de .95 como limiar mínimo desejável.

À semelhança do índice anterior, também o *Non-Normed Fit Index* (NNFI) compara o modelo analisado com o modelo nulo. Contudo, na medida em que toma em conta a complexidade do modelo, é especialmente adequado para comparação de modelos hierárquicos, nomeadamente quando o processo de reconfiguração conduz à introdução de novos parâmetros. Podendo exceder o intervalo entre 0 e 1, valores elevados para este índice são igualmente desejáveis (Byrne, 2006; Kline, 1998; Ullman, 2001).

Hu e Bentler (1999) recomendam, ainda, a utilização do *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) que, embora tenha sido proposto por Steiger e Lind em 1980, só recentemente foi reconhecido como uma medida importante da adequação global do modelo. Este indicador tem em consideração o erro de aproximação à população, medindo a discrepância de ajustamento do modelo à matriz de covariância da população. Esta discrepância é expressa por graus de liberdade, o que torna o índice sensível ao número de parâmetros estimados. Valores inferiores a .06 traduzem um bom ajustamento, até .08 revelam um ajustamento aceitável e valores acima de .10 são reveladores de um ajustamento pobre (Byrne, 2006; Hu & Bentler, 1999; Kline, 1998). Para uma maior precisão na determinação da adequação do modelo, Steiger (1990) sugere a utilização do intervalo de confiança associado ao valor de RMSEA. Assim, perante um RMSEA pequeno mas com um intervalo de confiança elevado, o investigador pode concluir pela imprecisão da discrepância estimada, negando a possibilidade de determinar de forma correcta o grau de ajustamento na população (Byrne, 2006).

Resultados

A realização das análises factoriais confirmatórias permitiu testar em que medida o modelo proposto se ajustava aos dados empíricos. Todas as análises foram realizadas com matrizes de covariância, construídas automaticamente pelo EQS, a partir da base de dados original. O modelo a testar incluía, segundo a estrutura da escala original (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001), factores de primeira e segunda ordem, correspondentes aos estilos parentais autoritário, democrático e permissivo e às subescalas que os compõem.

Antes de prosseguir com a análise factorial confirmatória, foi analisado um conjunto de estatísticas descritivas fundamentais⁷, de forma a assegurar o pressuposto da normalidade multivariada dos dados no qual assentam os procedimentos de estimação utilizados nas equações estruturais. Para que uma distribuição se possa assumir como normal, os valores dos coeficientes de assimetria e de curtose devem ser próximos de zero, considerando-se valores absolutos superiores a 1 como indicativos de um desvio à normalidade (Byrne, 2006). A análise da normalidade revelou, contudo, a presença de duas variáveis com coeficientes univariados de assimetria e curtose em muito superior ao recomendado: o item 10 apresenta uma assimetria de 1.77 e uma curtose de 3.46; o item 28 tem associada uma assimetria de 2.52 e um valor de curtose de 7.68. Embora, no entanto, estes valores não traduzam uma violação severa da normalidade (Kline, 1998), podem ser suficientemente não-normais para tornar problemática a interpretação dos índices de ajustamento (Byrne, 2006). A não-normalidade dos dados é, ainda, reforçada pela análise do coeficiente multivariado estandardizado de Mardia (1970): o valor obtido de 14.59 excede em muito a proposta de Bentler (2005), que sugere que valores superiores a 5 indicam desvio relativamente à distribuição normal.

Deste modo, partindo da estrutura factorial proposta e considerando a não-normalidade dos dados, o modelo hipotético de 32 itens, com os factores referentes aos estilos parentais correlacionados entre si, foi sujeito ao método da máxima verosimilhança (*maximum likelihood*) e correcção Robust. Trata-se de um procedimento que, mesmo em condições de violação do pressuposto da normalidade, produz índices válidos de χ^2 (agora o χ^2 corrigido de Satorra-Bentler), erro padrão, CFI, NNFI e RMSEA (Byrne, 2006).

Analisando os índices de ajustamento global do modelo inicial (Quadro 1), a razão entre S-B χ^2 (690.65) e *gl* (453) é de 1.52, valor claramente aceitável, mesmo de acordo com os critérios mais rigorosos (Ullman, 2001). Este valor traduz, portanto, um bom ajustamento global do modelo, pelo que indicia à sua aceitação, facto

⁷ As médias e desvios-padrão de cada um dos itens do *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida* encontram-se no Anexo 2.

que é reforçado pelos baixo índice de RMSEA de .042, com intervalo de confiança associado de 0.36 e .048. Os valores dos índices de CFI e de NNFI de, respectivamente, .89 e .88 revelam-se, no entanto, problemáticos, na medida em que não atingem o limiar mínimo comumente proposto para aceitação do modelo.

Assim, perante os índices que traduzem um ajustamento pouco satisfatório, procedeu-se à análise dos índices de modificação, com vista à reconfiguração do modelo. As sugestões do LM Test (*Lagrange Multiplier Test – Multivariate Statistics*) apontam para a existência de covariação entre alguns erros, nomeadamente entre os erros dos pares de itens 31-29 e 32-6. A existência de covariação entre os erros, problema comum neste tipo de instrumentos de avaliação, reflecte a existência de erros de medição sistemáticos e não aleatórios e que podem ser o resultado de características específicas dos próprios itens ou dos respondentes (Aish & Jöreskog, 1990). A sobreposição do conteúdo dos itens ou a tendência dos participantes para responderem sempre da mesma forma ou em função da desejabilidade social são exemplos possíveis para existência de covariação entre os erros. A reconfiguração dos modelos, nomeadamente através de associações entre as variâncias-erro dos itens, é um dos procedimentos mais frequentemente utilizados para promover o seu ajustamento global (Byrne, 2006), uma vez que a introdução de determinados parâmetros nos modelos contribui, quase sempre, para uma diminuição significativa de χ^2 . Contudo, é imprescindível que a reconfiguração seja fundamentada quer estatística, quer conceptualmente. Tal é o presente caso. Do ponto de vista estatístico, o índice de modificação sugere a diminuição significativa de χ^2 em caso de estimação livre das covariâncias dos erros, podendo, deste modo, contribuir para a qualidade do ajustamento do modelo. Do ponto de vista conceptual, os dois parâmetros em questão representam covariâncias-erro entre itens que partilham algo em comum: o par de itens 29 e 31 refere o diálogo acerca das consequências dos comportamentos e o par de itens 6 e 32 faz referência à punição física em situações de desobediência e mau comportamento, sendo óbvia a grande semelhança do seu conteúdo (particularmente no caso do par 6-32). Parece, assim, justificar-se a reconfiguração do modelo, com estimação livre da covariação dos erros de medida – Revisão 1 (Quadro 1).

A análise factorial confirmatória ao modelo reconfigurado apresenta melhores índices de ajustamento em comparação com o modelo anterior. Com efeito, como se pode ver no Quadro 1, tomados no seu conjunto, todos os índices traduzem um excelente ajustamento do modelo, mesmo de acordo com os critérios mais exigentes propostos.

Quadro 1. Índices de ajustamento dos modelos analisados

	S-B χ^2	gl	S-B χ^2 / gl	CFI	NNFI	RMSEA	Intervalo de confiança (90%)
Modelo inicial	690.65	453	1.52	.89	.88	.042	.036 – .048
Revisão 1	554.11	451	1.23	.95	.95	.028	.019 – .035

180

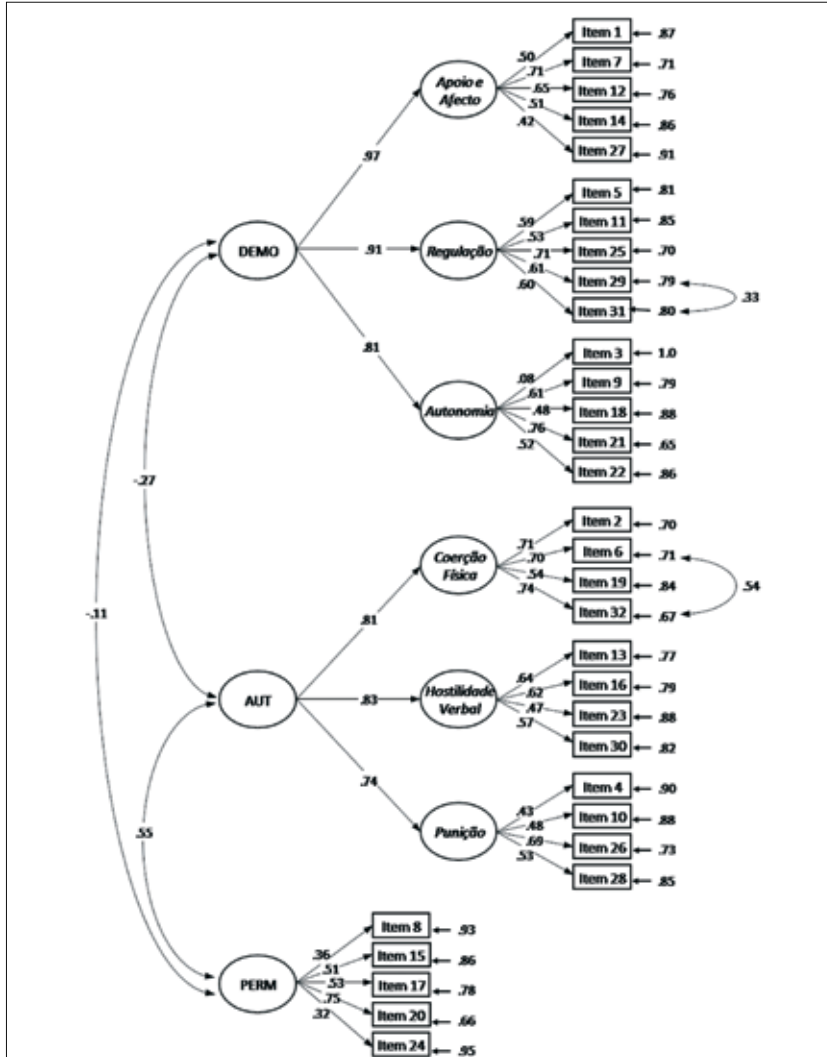


Figura 1. Representação da solução estandardizada do modelo reconfigurado

A solução estandardizada do modelo (Figura 1) permite observar que os coeficientes estandardizados entre os estilos parentais democrático e autoritário e as respectivas subescalas apresentam valores entre .74 e .97 o que, segundo Kline (1998), revela efeitos elevados. Excepção feita ao item 3 – que apresenta um coeficiente de .08,

considerado extremamente baixo – os coeficientes estandardizados entre as (sub) escalas e os itens que as compõem oscilam entre .32 e .76, valores moderados e elevados que, mais uma vez, podem ser considerados bastantes satisfatórios⁸.

Tendo ainda como objectivo avaliar as qualidades psicométricas do *QEDP – Versão Reduzida*, procedeu-se à análise da consistência interna das suas principais dimensões, mediante o cálculo do coeficiente *alpha* de Cronbach. A análise dos valores revela uma boa consistência interna para duas das dimensões do *QEDP – Versão Reduzida*, com valores observados de .82 para a dimensão democrática e .80 para a dimensão autoritária. O estilo permissivo é o menos consistente dos três, com um coeficiente *alpha* de .63, facto que poderá decorrer do reduzido número de itens (5) desta dimensão. Em termos gerais, os resultados obtidos aproximam-se bastante dos valores da versão original do *PSDQ – Short Form*, cujos autores (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) reportam coeficientes de .86, .82 e .64 para os estilos democrático, autoritário e permissivo, respectivamente.

Discussão e conclusão

Em termos gerais, os resultados obtidos, considerados em conjunto com a melhoria que a reconfiguração produz ao nível do ajustamento global do modelo, parecem apoiar a definição de um modelo de estilos parentais com uma estrutura factorial hierárquica, consistente com a tipologia de estilos parentais proposta por Baumrind (1967, 1971, 1991), que considere que as suas três dimensões principais estão correlacionadas entre si e que inclua covariâncias entre os erros de alguns dos seus itens.

É hoje consensual que o recurso à técnica de modelação de equações estruturais para avaliar a multidimensionalidade de uma escala, pela sua exigência, transmite alguma segurança no estudo das qualidades psicométricas das escalas de avaliação de constructos psicológicos. No entanto, não é legítimo concluir que os modelos considerados satisfatórios numa determinada amostra sejam generalizáveis a todas as amostras da mesma população. Por isso, há a necessidade de se proceder ao estudo da invariância métrica dos modelos – importantes no

⁸ O objectivo de aprofundar a adequabilidade do modelo conduziu-nos à decisão de eliminar os itens que apresentavam baixas saturações, ou seja, inferiores a .30. Deste modo, foi conduzida uma nova análise, da qual foi excluído o item 3, dado ser o único item que cumpria o critério estabelecido. O teste ao modelo reconfigurado não revelou, no entanto, melhorias significativas nos valores dos índices de ajustamento relativamente ao modelo anterior. Este motivo, acrescido do carácter preliminar do presente estudo, levou-nos a considerar como precoce a eliminação deste item e, portanto, a reter o modelo reconfigurado com a totalidade dos itens.

desenvolvimento de novos instrumentos de avaliação (Byrne & Watkins, 2003) – replicando-os noutras amostras, de modo a observar a sua adequação e testar a estabilidade da sua estrutura. Adicionalmente, as evidências encontradas sugerem que alguns itens (nomeadamente, o item 3) podem não ser bons indicadores para a avaliação dos estilos parentais e a reduzida consistência interna de uma das dimensões parentais revelam a necessidade de aprofundar as análises factoriais confirmatórias e de prosseguir as investigações sobre as qualidades psicométricas do *QEDP – Versão Reduzida*, de modo a assegurar a fidelidade e validade factorial que o tornem apropriado para a avaliação dos estilos parentais de pais e mães portugueses com filhos em idade escolar. O processo de adaptação e validação do *QEDP – Versão Reduzida* será, portanto, como não podia deixar de ser, um processo dinâmico e contínuo, dependente das características dos contextos e das amostras em estudo. Sendo este um estudo preliminar, considerou-se precoce retirar ou alterar qualquer um dos itens da escala, na medida em que serão necessárias mais evidências empíricas que explorem indicadores de validade e fidelidade, de modo a que possamos compreender a adequabilidade das dimensões do *QEDP – Versão Reduzida* e, por conseguinte, eliminar ou reformular os piores itens, no sentido do refinamento desta escala de avaliação dos estilos parentais.

Alguns estudos realizados com a versão original do PSDQ mostraram, claramente, que as dimensões parentais avaliadas por esta escala estão relacionadas com dimensões relevantes do desenvolvimento das crianças (Coolahan, McWayne, Fantuzzo & Grim, 2002; Hart, Nelson, Robinson, Olson & McNeilly-Choque, 1998; Russel, Hart, Robinson & Olsen, 2003). Assim, a adaptação e validação da versão portuguesa do *QEDP – Versão Reduzida* poderá, para além de contribuir para a existência de instrumentos que suportem a investigação neste domínio, servir um importante objectivo prático, sobretudo ao nível do desenvolvimento de programas de educação e treino de comportamentos parentais susceptíveis de promover o desenvolvimento das crianças.

Referências bibliográficas

- Aish, A. M., & Jöreskog, K. G. (1990). A panel model for political efficacy and responsiveness: An application of LISREL 7 with weighted least squares. *Quality and Quantity*, 19, 716-723.
- Ariès, P. (1962). *Centuries of childhood*. New York: Vintage Books.
- Barber, B., Olsen, J., & Shagle, S. (1994). Association between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65, 1120-1136.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 255-272.

- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of pre-school behaviour. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance abuse. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246.
- Bentler, P. M. (1992). On the fit of models to covariances and methodology to the Bulletin. *Psychological Bulletin*, 112, 400-404.
- Bentler, P. M. (2005). *EQS 6 structural equations program manual*. Encino, CA: Multivariate Software.
- Block, J. H. (1965). *The child-rearing practices report: A technique for evaluating parental socialization orientations*. Berkeley, CA: University of California, Institute of Human Development.
- Boomsma, A. (2000). Reporting analysis of covariance structures. *Structural Equation Modeling*, 7(3), 461-483.
- Buri, J. R. (1991). Parental authority questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57, 110-119.
- Byrne, B. M. (2006). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications and programming* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Byrne, B. M., & Watkins, D. (2003). The issue of measurement invariance revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 34(2), 155-175.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 24(2), 193-210.
- Carlson, C. (2001). Family measurement overview. In J. Touliatos, B. F. Perlmutter & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques* (Vol. 2, pp. 1-9). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Clémence, A. (2007). Les modèles d'éducation parentaux. *Psychoscope*, 28(4), 16-18.
- Clémence, A., Kaiser, C.-A., Modak, M., Nicolet, M., Zittoun, T., Biétry, V., et al. (2005). Les modèles de l'exercice de l'autorité dans la famille et dans l'école. In Collectif (Ed.), *Eloge de l'altérité. Défis de société: 12 regards sur la santé, la famille et le travail* (pp. 165-175). Grolley: Les Éditions de l'Hèbe.
- Coolahan, K., McWayne, C., Fantuzzo, J., & Grim, S. (2002). Validation of a multidimensional assessment of parenting styles for low-income African-American families with preschool children. *Early Childhood Research Quarterly*, 17, 356-373.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496.
- Grusec, J. E. (2002). Parental socialization and children's acquisition of values. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol. 5 – Practical issues in parenting, pp. 143-167). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30, 4-19.
- Grusec, J. E., Rudy, D., & Martini, T. (1997). Parenting cognitions and child outcomes: An overview and implications for children's internalization of values. In J. E. Grusec &

- L. Kuczynski (Eds.), *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory* (pp. 259-282). New York: John Wiley & Sons.
- Hart, C. H., Nelson, D. A., Robinson, C. C., Olson, S. F., & McNeilly-Choque, M. K. (1998). Overt and relational aggression in Russian nursery-school-aged children: Parenting style and marital linkages. *Developmental Psychology, 34*, 687-697.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Holden, G. W., & Miller, P. C. (1999). Enduring and different: A meta-analysis of the similarity in parents' childrearing. *Psychological Bulletin, 125*, 223-254.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1995). Evaluating model fit. In R. H. Hoyle (Ed.), *Structural equation modeling: Concepts, issues and applications* (pp. 76-99). London: Sage.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*, 1-55.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Kochanska, B., Kuczynski, L., & Radke-Yarrow, M. (1989). Correspondence between mothers' self-reported and observed child-rearing practices. *Child Development, 60*, 56-63.
- Kuczynski, L., & Grusec, J. E. (1997). Future directions for a theory of parental socialization. In J. E. Grusec & L. Kuczynski (Eds.), *Parenting and the internalization of values: A handbook of contemporary theory* (pp. 399-414). New York: Wiley.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development, 62*, 1049-1065.
- Lewin, K., & Lippitt, R. (1938). An experimental approach to the study of autocracy and democracy: A preliminary note. *Sociometry, 1*, 292-300.
- Lewin, K., Lippitt, R., & White, R. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created "social climates". *Journal of Social Psychology, 10*, 271-299.
- Lippitt, R., & White, R. (1943). The "social climate" of children's groups. In R. G. Barker, J. Kounin & H. Wright (Eds.), *Child behavior and development* (pp. 485-508). New York: McGraw-Hill.
- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review, 22*, 895-930.
- Maccoby, E. E. (1992). Trends in the study of socialization: Is there a Lewinian heritage? *Journal of Social Issues, 48(2)*, 171-185.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology* (4th ed., Vol. 4. Socialization, personality and social development, pp. 1-101). New York: Wiley.
- Mardia, K. V. (1970). Measures of multivariate skewness and kurtosis with applications. *Biometrika, 57*, 519-530.
- Milevsky, A., Schlechter, M., Netter, S., & Keehn, D. (2007). Maternal and Paternal Parenting Styles in Adolescents: Associations with Self-Esteem, Depression and Life-Satisfaction. *Journal of Child and Family Studies, 16(1)*, 39-47.
- Mize, J., & Pettit, G. S. (1997). Mothers' social coaching, mother-child relationship style, and children's peer competence: Is the medium the message? *Child Development, 68(2)*, 312-323.
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Richards, E. L. (1926). Practical aspects of parental love. *Mental Hygiene, 10*, 225-241.

- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. (1995). Authoritative, authoritarian and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports, 77*, 819-830.
- Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S. F., & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques* (Vol. 3. Instruments and index, pp. 319-321). Thousand Oaks: Sage.
- Russel, A., Hart, C. H., Robinson, C. C., & Olsen, S. F. (2003). Children's social and aggressive behavior with peers: A comparison of the U.S. and Australia and contributions of temperament and parenting styles. *International Journal of Behavioral Development, 23*, 74-86.
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child Development, 36*, 413-424.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research Online, 8*, 23-74.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2004). *A beginner's guide to structural equation modeling* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sears, R. R., Maccoby, E. E., & Levin, H. (1957). *Patterns of childrearing*. Evanston, IL: Row, Peterson.
- Smetana, J. G. (1994). Parental styles and beliefs about parental authority. *New Directions for Child Development, 66*, 21-36.
- Steiger, J. H. (1990). Structural model evaluation and modification: An interval estimation approach. *Multivariate Behavioral Research, 25*, 173-180.
- Steiger, J. H., & Lind, J. C. (1980, June). *Statistical based tests for the number of common factors*. Paper presented at the Psychometric Society Annual Meeting, Iowa City, IA.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*(1), 1-19.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child Development, 65*, 754-770.
- Trickett, P. K., & Susman, E. J. (1988). Parental perceptions of child-rearing practices in physically abusive and nonabusive families. *Developmental Psychology, 24*, 270-276.
- Ullman, J. B. (2001). Structural equation modeling. In B. Tabachnick & L. Fidell (Eds.), *Using multivariate statistics* (4th ed., pp. 653- 771). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Wu, P., Robinson, C. C., Yang, C., Hart, C. H., Olsen, S. F., Porter, C. L., et al. (2002). Similarities and differences in mothers' parenting of preschoolers in China and the United States. *International Journal of Behavioral Development, 26*(6), 481-491.

Anexo 1

Instruções e itens do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais (QEDP) – Versão Reduzida

(Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001;

Versão Portuguesa de Miguel, Valentim & Carugati, 2010)

Este questionário avalia *com que frequência* actua de determinado modo com o(a) seu/sua filho(a).

Por favor, leia cada frase do questionário e responda *com que frequência* actua desse modo com o(a) seu/sua filho(a).

Actuo desta maneira:

- 1 = Nunca
- 2 = Poucas vezes
- 3 = Algumas vezes
- 4 = Bastantes vezes
- 5 = Sempre

1. Dou resposta aos sentimentos e necessidades do(a) meu/minha filho(a)
2. Castigo fisicamente o(a) meu/minha filho(a) como forma de o(a) disciplinar
3. Tomo em conta o que o(a) meu/minha filho(a) quer ou deseja antes de lhe pedir para fazer algo
4. Quando o(a) meu/minha filho(a) pergunta por que razão tem que obedecer, respondo: “Porque eu digo” ou “Porque sou teu/tua pai/mãe e quero que o faças”
5. Explico ao(à) meu/minha filho(a) como me sinto quando se porta bem e quando se porta mal
6. Dou uma palmada ao(à) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente
7. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a falar dos seus problemas
8. Acho difícil disciplinar o(a) meu/minha filho(a)
9. Incentivo o(a) meu/minha filho(a) a expressar-se livremente, mesmo quando não está de acordo comigo
10. Castigo o(a) meu/minha filho(a) retirando-lhe privilégios com poucas ou nenhuma explicações
11. Saliento as razões das regras que estabeleço
12. Quando o(a) meu/minha filho(a) está chateado(a), dou-lhe apoio e consolo
13. Grito ou falo alto quando o(a) meu/minha filho(a) se porta mal
14. Elogio o(a) meu/minha filho(a) quando se comporta ou faz algo bem
15. Cedo ao(à) meu/minha filho(a) quando faz uma birra por qualquer coisa
16. Enfureço-me com o(a) meu/minha filho(a)
17. São mais as vezes em que ameaço castigar o(a) meu/minha filho(a) do que aquelas em que realmente o(a) castigo
18. Tomo em conta as preferências do(a) meu/minha filho(a) quando faço planos familiares

19. Agarro o(a) meu/minha filho(a) quando ele(a) é desobediente
20. Dito castigos ao(à) meu/minha filho(a) mas realmente não os aplico
21. Demonstro respeito pelas opiniões do(a) meu/minha filho(a) incentivando que as expresse
22. Permito que o(a) meu/minha filho(a) dê a sua opinião relativamente às regras familiares
23. Ralho e critico para fazer o(a) meu/minha filho(a) melhorar
24. Estrago o(a) meu /minha filho(a) com mimos
25. Explico ao(à) meu/minha filho(a) por que razões as regras devem ser obedecidas
26. Uso ameaças como forma de castigo com poucas ou nenhuma justificações
27. Tenho momentos especiais e calorosos com o(a) meu/minha filho(a)
28. Castigo o(a) meu/minha filho(a) colocando-o(a) algures sozinho(a) com poucas ou nenhuma explicações
29. Ajudo o(a) meu/minha filho(a) a perceber o resultado do seu comportamento incentivando-o(a) a falar acerca das consequências das suas acções
30. Ralho e critico quando o comportamento do(a) meu/minha filho(a) não corresponde às minhas expectativas
31. Explico ao(à) meu/minha filho(a) as consequências do seu comportamento
32. Dou uma palmada no(a) meu/minha filho(a) quando se porta mal

Anexo 2

Médias e desvios-padrão das respostas dos participantes a cada um dos itens do *Questionário de Estilos e Dimensões Parentais* (N = 344)

Item	M	DP	Item	M	DP
1	4.28	.585	17	3.01	1.030
2	1.78	.721	18	3.99	.715
3	3.06	.914	19	2.29	.965
4	2.44	1.047	20	2.09	.904
5	4.24	.724	21	4.35	.645
6	2.16	.796	22	3.71	.994
7	4.49	.606	23	3.09	1.045
8	2.41	1.008	24	2.74	.920
9	4.30	.760	25	4.48	.591
10	1.53	.819	26	1.55	.677
11	4.26	.728	27	4.19	.556
12	4.43	.667	28	1.18	.432
13	2.98	.865	29	4.04	.765
14	4.58	.571	30	2.92	.922
15	1.80	.726	31	4.27	.643
16	2.24	.795	32	2.16	.784

Questionnaire des Styles et Dimensions Parentales – Version Courte: Adaptation portugaise du *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* – Short Form

Le *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) est un questionnaire conçu pour évaluer les styles parentaux, avec des bonnes propriétés psychométriques internationalement confirmées. Visant à présenter la version portugaise de cet instrument, le questionnaire a été traduit et soumis à un échantillon portugais de 344 pères et mères d'enfants fréquentant le premier cycle de l'enseignement (de la première à la quatrième année). La technique des modèles d'équations structurelles (analyse factorielle confirmatoire) a montré une structure factorielle similaire à l'originelle anglaise, multidimensionnelle et hiérarchique, composée par des facteurs de premier et de deuxième ordre, représentant les styles parentaux démocratique, autoritaire et permissif, aussi bien que leurs respectives dimensions. En général, les résultats obtenus présentent un bon ajustement du modèle théorique aux données empiriques. L'évaluation de la fiabilité interne présente des résultats satisfaisants et en accord avec les résultats originaux.

MOTS-CLÉS: autorité parentale; styles et dimensions parentales; analyse factorielle confirmatoire.

Adapting the portuguese version of the *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ)* – Short Form

The *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) is a self-report measure designed to assess the parenting styles of parents of school-age children, with good psychometric properties internationally established. Aiming to present the Portuguese version of this instrument, a sample of 344 fathers and mothers of 1st to 4th graders completed the questionnaire. Structural equation modelling procedures (confirmatory factor analysis) outlined a multidimensional and hierarchical factorial structure, similar to the original version, composed of first and second order factors, representing authoritative, authoritarian and permissive parenting styles, and corresponding dimensions. Generally, good model fit provides support to the theoretical model. Internal reliability scores were satisfactory and close to results of the original studies.

KEY-WORDS: parental authority; parenting styles and dimensions; confirmatory factor analysis.